

POVO

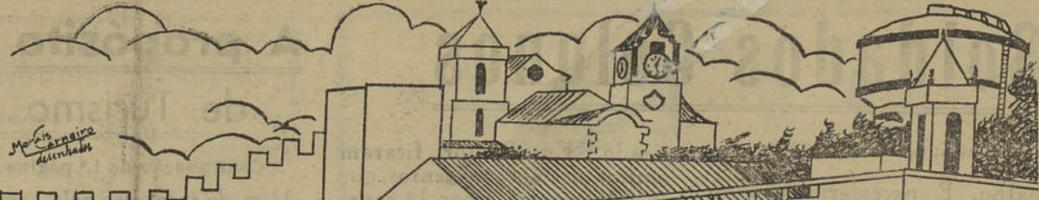
ALGARVIO

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO»-Telefone 236 - TAVIRA



Tavira podia fabricar como doce regional o nógado consumido por todo o País

INSISTIMOS na afirmação de que, se no Algarve se criassem iniciativas industriais, rapidamente se valorizariam os seus frutos secos.

Mas, haverá quem, reflectindo sobre ela, conclua que o que se verifica com a indústria já existente da alfarroba é que o fruto se desvalorizou na mão do lavrador justamente quando da criação dessa iniciativa. Se não existem outras razões fora do alcance do nosso conhecimento, afigura-se-nos que a explicação do triste facto deve atribuir-se a haver-se legislado, a título de experiência, no sentido de que a indústria do aproveitamento da grãinha só poderia viver obtendo a matéria prima a preço muito baixo, isto é, à custa do agricultor. E o resultado foi que, durante estes 4 anos de experiência, o lavrador tem vendido o fruto pelo preço que lhe querem pagar, ao desbarato, o que não carece de justificação; do sucesso, ou insucesso do industrial, só este o pode apresentar tão claramente como é conhecido da outra parte interessada. Entretanto, é inegável que a um elevado número de lavradores cabe grave responsabilidade na desvalorização dos nossos frutos, porque esses só pensam em fazer dinheiro, entregando-os por qualquer preço e quantas vezes sem necessidade. O comerciante e o industrial, aproveitando a ânsia destes, que não fazem contas e a ignorância dos muitos que desconhecem o valor e a aplicação de tão preciosos frutos

Continua na 3.ª página

A propósito de Turismo...

DOIS casos. O primeiro diz respeito à propáganda das Festas de Tavira; e o segundo às condições existentes na nossa praia.

Antes de partir de Lisboa para vir passar as férias em Tavira, fui ao SNJ para ver o cartaz de propáganda das festas que se realizam nesta cidade nos próximos dias 20, 24 e 27, já que não o vira em nenhum outro ponto de Lisboa (pelo menos não dei por ele).

Continua na 2.ª página

UMA ATITUDE

«Esse gesto vale muito mais que o primeiro prémio da Volta...»

... Foi assim que pessoa amiga se expressou quando, hoje, aludiu à atitude de Jorge Corvo, dando da sua água ao portador da camisola amarela e vencedor da recente Volta a Portugal em Bicicleta, atitude que foi conhecida de toda a gente graças aos serviços da Rádio Televisão Portuguesa.

Eu, porém, não estou de acordo com tal afirmação, muito embora reconheça o seu profundo significado.

E sabeis a razão da minha discórdância? Simples, como ives ler.

O primeiro prémio da Volta, além de recompensar o esforço, a tenacidade, a perseverança

Continua na 2.ª página

Gasa dos Pescadores de Tavira

Assumiu o cargo de Presidente da Casa dos Pescadores de Tavira, cuja posse teve lugar no passado dia 11, o Senhor Comandante João de Oliveira Baptista Correia, Capitão do Porto desta cidade.

Ao distinto oficial de Marinha, nosso comprouviciano, o «Povo Algarvio» apresenta o seus cumprimentos e deseja as maiores felicidades no desempenho das suas novas funções.

A Câmara de Tavira informa:

- JÁ se encontram reparadas as estradas municipais da Luz-Amaro Gonçalves, Tavira-Santo Estevo e Luz-Santo Estevo.
- VÃO iniciar-se os trabalhos de reparação do Bairro Jára 3.ª fase;
- VÃO iniciar-se dentro de pouco tempo os trabalhos de urbanização da Horta d'el Rei;
- FOI criada a Comissão Municipal de Turismo de Tavira;
- VÃO começar dentro de dias os trabalhos para a condução de água para o povo de Santa Luzia;
- VAI começar em breve a obra de electrificação de Cabanas e Conceição de Tavira.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Soldados Colonos

QUEM viveu vários anos no Ultramar e que se tenha interessado pelos seus problemas, sabe, que este foi não só pacificado pelos Soldados de Portugal, mas também por eles desbravado.

por J. A. Rebelo

Sabemos, ao tempo não haviam então os funcionários administrativos, que eram os cabos, os sargentos ou os soldados que desempenhavam as funções de comandantes de Posto, quem casava, baptizava, passava certidões de óbito, lhes arranjava patrão para trabalhar, os comandava, e como eram, na maioria filhos do campo, os ensinavam a fazer plantações de café, cacau, borracha, chá, arrozais, árvores frutíferas etc. etc.

Festas da Misericórdia

Informa-se o público que os preços neste II Ano de Festas são os seguintes:
Entrada no Jardim, 7\$50;
Dancing, 5\$00; Cadeira ou Bancada, 2\$50.

Muito sangue, suor e lágrimas custou em Timor aos vários militares, o incutir no espírito do natural, que era necessário amansar a terra. Essa história já tem sido descrita por vários homens de letras. Não a desejamos contar. Apenas dizer ao leitor que nunca por lá tenha andado, que tem sido imensamente difícil fazer-se aquilo que está feito, e ao que os suspeitos chamam nada, mas ao que nós diremos muito, mas muito.

Já por volta de 1891 o tenente Bento da França, escrevia, «triste é dizer-lo, mas a nossa Incúria, a falta de um plano assente e baseado no conhecimento agrícola de cada província, têm desaproveitado muito o partido que poderíamos tirar das boas disposições dos indígenas». É que numa maneira geral os naturais das nossas Províncias Ultramarinas, são avaros ao trabalho

Continua na 2.ª página

As Festas de Tavira começam hoje



José Emídio Fernandes Sotero
Provedor da Misericórdia de Tavira

AO iniciarem-se as Festas da Misericórdia de Tavira, que já têm foros de festas provinciais, achamos oportuno, como remate da justa e intensa propáganda que sobre o assunto fi-

Uma troca de impressões com o Provedor da Misericórdia

zemos, trocar algumas impressões com o sr. José Emídio Fernandes Sotero, activo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Tavira e elemento preponderante desta bela iniciativa que, conforme já dissemos, representa o mais belo cartaz turístico do concelho.

Na azáfama própria dos últimos preparativos para as festas não foi sem certa dificuldade que o encontramos depois de alguns telefonemas para o Hospital e para a sua residência e finalmente topamo-lo, com a boca na botija, como soe dizer-se, no jardim, a assistir à colocação dos stands. Logo de chofre acertamos nesta pergunta que nos pareceu oportuna.

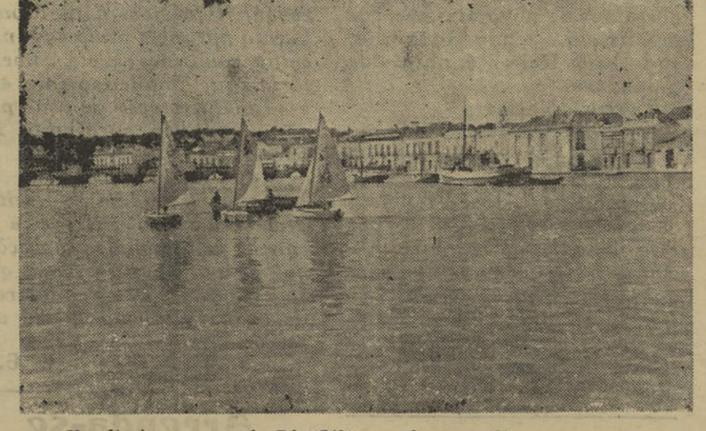
— Está satisfeito e confiante no êxito das festas deste ano?

espírito conturbado com tantas preocupações, tenho o prazer de informar que estou satisfeito com a colaboração recebida e plenamente confiante no êxito das festas em face da experiência que fizemos o ano passado.

O nosso interlocutor mostrava-se visivelmente fatigado e é natural porque organizações desta envergadura, onde as contrariedades e os dissabores se conjugam quase sempre provocam desgastes físicos. Porém arriscamos a nossa segunda pergunta.

— De um modo geral agrada-lhe mais o programa deste ano?

— Evidentemente que sim, porque é mais variado, grandioso, e até certo ponto inédito na nossa província.



Um lindo aspecto do Rio Gilão, onde se realizam as serenatas

— O meu amigo parece que vem com ares de entrevista.

— É verdade, desejo neste limiar das grandes festas que são fruto exclusivo da sua iniciativa e que com tanto carinho tem orientado, colher algumas palavras para o jornal, afim de elucidar os seus leitores.

— Obrigado pela sua atenção e, apesar de andar com o

— E qual o número das festas que mais lhe agrada?

— É difícil classificar. A primeira noite de festas é preenchida com o folclore nacional e andaluz.

A segunda noite, que podemos classificar de noite romântica, é preenchida pelo número sempre fascinante das serenatas no rio, pelo desfile dos barcos

Continua na 2.ª página

TROVA

Coisas ínfimas do Mundo
Beijou-as Deus com ardor;
Da lama fez Ele o Homem,
Que é também Nosso-Senhor.

Isidoro Pires

Mobilização de médicos das Corporações de Bombeiros

A propósito dum pedido de esclarecimento feito pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Tavira ao Ministério do Exército sobre mobilização de médicos das Corporações de Bombeiros, recebemos do referido Ministério o ofício que a seguir se transcreve e donde pode concluir-se que se alguém pode não vir a ser mobilizado pelo facto de prestar serviço nas Corporações de Bombeiros, não é o médico:

Relativamente ao assunto tratado no ofício em referência encarega-me Sua Ex.ª o Ministro do Exército de informar V. Ex.ª do seguinte:

Pela legislação em vigor, de forma alguma podem ser aplicadas aos oficiais médicos das corporações de bombeiros as prescrições legais aplicáveis aos bombeiros, mas tão somente às praças pelo que é destituído de todo e qualquer fundamento o boato da mobilização dos oficiais milicianos médicos naquela situação.

Por outro lado o Ex.º sr. Dr. Jorge Augusto Correia está abrangido

Continua na 2.ª página

Soldados Colonos

Continuação da 1.ª Página

balho. É necessário não só persistência, mas muita força de vontade e de autoridade, para se conseguir trabalho que se veja. Não esquecer que se o homem branco não tivesse ido à África e à Ásia, não eram os naturais nem agora os tamanqueiros, que faziam desses territórios aquilo que eles são.

O governador Teófilo Duarte, quando em Timor, alguns castigos aplicou por ver mencionados, nos relatórios muitos milhares de pés de café que na verdade não existiam. Então, para ser como S. Tomé, ia ver essas plantações estivessem onde estivessem. «Mas sr. Governador, o caminho é péssimo e fica longe, essa plantação que agora ando a fazer.» «Não faz mal, se lá não chegarmos hoje, chegaremos amanhã. Eu desejo ver se a plantação vai sendo bem feita.» E lá seguiam por íngremes caminhos, cinco e mais horas, umas vezes debaixo dum sol abrador, outras debaixo de cordas de chuva, que entrando pelo pescoço, saía depois pelos pés, se por acaso se não leva botas altas. E foi assim procedendo que se fizeram muitas plantações individuais e colectivas, onde trabalhavam todos os habitantes da povoação que ficava perto. Depois da colheita, dividiam-se aos lucros por aqueles habitantes. E se hoje existem grandes granjas e se se exporta café e demais produtos, eles foram começados a plantar pelos Soldados de Portugal.

Duma maneira geral, temos tido sempre ou quase sempre, bons governadores no Ultramar. Muitos se vinham queixando que este não poderia ser governado do Terreiro do Paço, mas sim no próprio Ultramar. E António Enes foi um dos que isso mandou então dizer ao Rei.

A maior parte dos Comandantes Militares das nossas Províncias ultramarinas vem dedicando à agricultura muito da sua boa vontade. E assim rara é a Companhia que não tem a sua horta, galináceos, porcos e casas para moradia das praças de cor com família constituída ou que desejem ficar ao serviço militar, constituindo-a depois. Portugal tem estado sempre no Ultramar com cabeça. Não se terá feito aquilo que se desejava, ou o que se poderia, mas não esquecer que não era a actual situação que tudo poderia ter feito. Porque se não pedem também aos outros que anteriormente por cá passaram, responsabilidades. Se lermos a História desses tempos, não temos dúvidas, que só agora é que se fizeram colonatos. Que não poderíamos mandar os continentais para o ultramar sem primeiramente lhe criarmos meios de vida. É que até aqui, o branco não devia ir para o Ultramar, sem ter lá uma casa e um emprego determinado. Nós em 1941 fomos para a Ilha do Sal, Cabo Verde e levamos connosco a madeira para construir as casas que devíamos habitar. Anteriormente tínhamos consideração por quem agora se vê que a não merece. Portanto os nossos Soldados, e quem diz estes diz os que o não são, seguem para lá e vamos continuar a Obra que está começada. Não interessa que o homem de cor, queira ou não colaborar; nós levaremos gente suficiente para começar de novo aquilo que agora foi destruído. O branco passa a ser em maior número. O natural há-de colaborar. Se dermos facilidades, e elas vão ser dadas, o nosso continental vai de vez para o Ultramar. E até mesmo os Graduados que desejem ficar vivendo no Além mar, deve tal ser auto-

rizado. Em Timor ficaram muitos oficiais e sargentos, que se reformaram e por lá construíram a sua vida. Bem, não só para essas Províncias, como para estes.

Em 1945, quando foram várias expedições para Moçambique, muitos continentais choravam, ao partir. Depois, ao verem como se ganhava em Lourenço³, Marques, muitos, mas muitos lá passaram á disponibilidade, ficando a trabalhar, como pedreiros, carpinteiros, pintores, mecânicos, etc. etc. é que os seus salários iam desde cem a cento e cinquenta escudos diários. Então já davam graças a Deus por os ter levado até ao Ultramar.

Muito temos dito, que no «Setubalense», Notícias de Gouveia e Voz do Seixal», acerca da ida dos nossos Soldados para o Ultramar. Pedimos até que ali fossem fazer as escolas de recrutas; ou estagiarem alguns meses. Aparentavam igualmente que aqueles solos úbermos necessitavam dos nossos emigrantes. Que o petróleo em Timor aflorava em certas ribeiras, onde também aparece o ouro de aluvião. Que há várias concessões petrolíferas em Timor, mas que pouco tem sido as explorações. Que os terrenos propícios ao plantio do café, esperam que os vão plantar, e que neles aqui ou ali, nascem espontaneamente vários pés do cafézeiro. Também para se ser senhor de vários hectares de terreno, nada mais é necessário fazer senão pedir-se o aforamento desses terrenos. Que também na contra costa timorense se podem fazer quatro sementeiras de milho por ano. Tudo está pois esperando pelo Homem do campo. É claro que são necessários também capitais. Mas o que devemos fazer é passar a dificultar a entrada aos emigrantes estrangeiros. Est., na sua quase totalidade, não vai para o Ultramar para ser lavrador. Vão sim, mas para negociantes. Montam uma suja e pequena locanda e vá de aguardar que os naturais ali vão vender os seus produtos e comprar ou trocar os que ele ali tem.

Bem haja pois Sua Excelência o Senhor Brigadeiro Mário Silva que em tão boa hora apareceu em Angola e logo viu, que para continuar Portugal, era necessário que os nossos Soldados se tornassem colonos por aquelas terras que agora vem defendendo, com tanto custo. Estão pois de parabéns não só os futuros colonos, mas também aqueles nossos territórios que vão ser revolidos e tratados por quem de direito, tornando-os assim mais nacionais, e produtivos, e para que possamos de novo afirmar, como disse o Grande Mouzinho, «que este Reino é obra dos Soldados».

Tavira, 15/8/961

Agradecimento

A família de José Francisco da Fonseca Estola vem, por este meio, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à última morada e bem assim às que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Pomar de citrinos

Arrenda-se, no sítio da Meia Arraia.
Recebe propostas Dr. Carlos Picoito — Faro.

Pomares

Arrendam-se os pomares de citrinos de S. Domingos e Fazenda Nova, no sítio da Asseca.
Trata António Marques Trindade — Tavira.

A propósito de Turismo...

Continuação da 1.ª página

Além do interesse pelo cartaz, que num dos números deste jornal se dizia ser belo e sugestivo, tinha curiosidade em saber se, como eu esperava, ali era feita, efectivamente, alguma propaganda.

Decepção. Não havia cartaz patente (a não ser das Festas de Viana do Castelo e do Festival de Música de Sintra) e ao perguntar à amável funcionária se no mês de Agosto haveria festas em Tavira fui informado negativamente, depois dela consultar uma longa relação dos festejos que em cada mês se realizam em todo o país; eu próprio verifiquei essa relação (por sinal redigida em inglês) onde figura Tavira apenas com as festas de 24 de Junho em honra de S. João. Embora seja evidente que tal relação é elaborada no fim de cada ano e só pode incluir as festas tradicionais, de realização certa, parece-me que deveria haver um aditamento ou outro processo de se acrescentarem os festejos que viessem a ser criados já no decurso do ano, desde que tivessem uma certa importância, como é o caso dos de Tavira.

Conclusão a tirar: o Secretariado Nacional de Informação, Cultura e Turismo não informa nada a respeito das nossas Festas de Agosto.

Escrevo estas linhas com um propósito construtivo. Por isso sugiro que se remedeie a omissão enviando àquele organismo um cartaz com o pedido de que o exponha na sala própria, onde constantemente entram turistas a solicitar diversas informações. Ainda não é demasiado tarde...

Agora o outro caso. Numa destas últimas manhãs, estando na praia, dirigiu-se-me um espanhol, que estava acompanhado de duas senhoras da mesma nacionalidade, a perguntar-me se havia algum toldo para alugar e casa ou barraca onde pudessem vestir os fatos de banho; respondi-lhe que não, mas que em todo o caso, por eu não estar muito seguro das condições existentes devido a ser a primeira vez que ali vai no corrente ano, perguntasse a um cavalheiro que apontei (essa pessoa estava à sombra de um amplo toldo e é proprietário de uma casa na praia).

Não soube logo o resultado da diligência por entretanto a minha atenção ter sido desviada para outro assunto, mas no regresso os espanhóis vinham no mesmo barco e, a uma pergunta minha, disseram-me não terem conseguido o que pretendiam, tendo passado aquele tempo na mata. Acrescentou o espanhol que iam para Monte Gordo porque a praia aqui não tinha condições; e em comentário, que implicitamente era uma manifestação de pena por não a poderem aproveitar, finalizou:

— «Es magnífica»,

Pergunta a quem de direito: Não será viável criar, para já, aquele mínimo de condições que permita aos turistas que se deslocam à praia mudarem de roupa e disporem de um toldo?

G. G.

Arrenda-se

Por um ou mais anos, a propriedade de sequeiro e regadio denominada Paul.

Tratar com Maria Joana Marques, até 31 de Agosto.

Arrenda-se

Horta com 24 courelas (1.600 m² cada), próximo de Faro, casas e dependências.
Trata Diniz Nunes, Rua do Alportel, 255 — Faro.

Festas da Misericórdia

Continuação da 1.ª página

cos ornamentados, espectáculo sempre inédito e pleno de beleza que encerra apoteoticamente com a queima de deslumbrantes fogos de artifício, de Viana do Castelo, «autênticos», da firma J. A. Fernandes & Filhos.

E a finalizar os festejos apresentamos a grande Marcha Luminosa, devidamente preparada pelos já famosos ornamentistas minhotos, Constantino Lira.

É a primeira vez que no Algarve nos é dado apreciar tão maravilhoso quanto brilhante espectáculo o qual atrai às festas Gualterianas em Guimarães, milhares de forasteiros. Eis a razão porque se torna para mim difícil classificar o número que mais me agrada todavia, se tivesse que emitir o meu voto, optaria pela Marcha Luminosa.

Agradecemos a gentileza e não quisemos dar por terminada esta conversa relâmpago, que teve por cenário o nosso aprazível Jardim Público, sem formularmos uma última pergunta que pairava no nosso espírito:

— Pensa prosseguir na sua bela e feliz iniciativa da realização de futuras festas da Misericórdia?

— Depois do esforço dispendido neste dois anos para a concretização de umas festas de projecção regional e dado o fim altruista a que se destinam as suas receitas, parece-me de toda a vantagem prosseguir na sua realização. Mas as festas não são minhas, são da cidade. Para elas tem contribuído o esforço valoroso dos amigos do hospital, sem distinção para não ferir susceptibilidades. Nesta ordem de ideias acho que as festas deverão prosseguir sob a direcção de quem quer que seja.

— Não estamos de acordo, porque para dirigir e orientar festas desta categoria é necessário reunir qualidades especiais que não é fácil encontrar de um momento para o outro. O meu bom amigo deve conhecer a frase de Clemenceau — «que de homens insubstituíveis estão os cemitérios cheios». Uma vez lançada a ideia fácil se torna dar-lhe sequência, tanto mais que verificamos uma onda de entusiasmos e boas vontades.

A frase de Clemenceau respondemos nós com outra de Xenofonte — «os homens experientes tiram proveito de tudo e de todos, dos amigos e dos inimigos».

E assim demos por terminada a nossa conversa e cá ficamos aguardando o sucesso deste 2.º ano de festas da cidade, felicitando por isso o Provedor da Misericórdia de Tavira, crenças de que ele continuará à frente da sua obra, quer por direito consuetudinário, quer por amor à sua terra.

Assinal o «Povo Algarvio»

Uma atitude

Continuação da 1.ª Página

rança e, até, a sorte do vencedor, tem um valor material certo e determinado, ao passo que o gesto, o «belo gesto» de Jorge Corvo não tem preço, é insusceptível de avaliação, é inestimável, em suma, por significar, por mostrar na sua singeleza um nobre sentimento de solidariedade para com o nosso semelhante, mais saliente ainda se nos lembrarmos que se tratava de adversários na mesma competição desportiva.

É os sentimentos nobres não têm preço, não têm medida. Estão acima de qualquer bitola, estão fora de toda a tabela ou cotação.

Ora o gesto de Jorge Corvo foi nobre, foi generoso. Daí, o não ter preço, daí o não poder ser trocado por moeda que, além de instrumento geral das trocas, é a medida comum dos valores.

Por outro lado, Jorge Corvo não tomou a sua nobilitante atitude para ser visto, para se mostrar, para se ornar de quaisquer falsas virtudes.

Efectivamente, ao mitigar a sede do seu competidor, ele não não sabia que o seu gesto ia ser divulgado pela R.T.P. Não! Ele agiu dessa maneira porque sentiu que assim devia agir e... anónimamente assim procedeu.

Mais uma circunstância, portanto, a patentear a nobreza de carácter desse rapaz.

Que assim é, mostrou-o bem o locutor da R.T.P.

E quando ouvi as suas palavras e quando admirei a cena televisada, sensibilizei-me.

Como algarvio, como taverense e como Presidente da Associação de Ciclismo de Faro, eu não podia ficar indiferente ao que via e ouvia.

Era Tavira, era o Algarve a serem honrados pela generosa atitude dum seu desportista.

Por tudo isto, publicamente louvo o valoroso ciclista Jorge Corvo.

E sem vãos bairrismos nem inúteis clubismos, para todos os valentes ciclistas algarvios, desde um Victor Tenazinha até um João Bárbara, um Alcide Neto, um Humberto Corvo, um Manuel Lourenço, um Inácio Ramos, um Virgílio Nunes ou um José Medeiros, sem qualquer distinção, não esquecendo, mesmo, todos aqueles que por circunstâncias várias não completaram a Volta, vai o meu «Bravo», entusiástico e sincero.

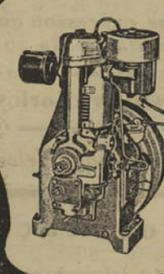
Finalmente, para o Jorge Corvo, pelo seu comportamento, vão as minhas saudações com os votos de que o seu gesto seja exemplo para todos os ciclistas do meu Algarve.

Arrenda-se ou Venda-se

Propriedade, no sítio do Arroio, Freguesia da Luz, com vinhas, pomares, amendoeiras, oliveiras e outro arvoredo.

Tratar com o próprio, em Faro, na Estrada da Penha n.º 38.

MOTORES DIESEL



ACCO

COM NOVOS
APERFEIÇOAMENTOS

Os únicos motores de 5½ HP
com camisas de cromo CROMARD

PRECISÃO
DURAÇÃO
SATISFAÇÃO

5½ e 8 H.P.

Distribuidores:
CASA CASSELS PORTO - R. Mouzinho da Silveira, 191
LISBOA - Avenida 24 de Julho, 56

Agente no Algarve:

José Francisco Custódio

Estrada da Penha, 103 — Telefone 660 — FARO

Tavira podia fabricar como doce regional o nógado consumido por todo o País

Continuação da 1.ª página

todos os anos sabem repetir o curioso fenómeno de manter preços especulativos na época em que os arrendatários, os caseiros e os pequenos proprietários têm despesas inadiáveis e forçam-nos a entregar por preços aviltantes.

É lamentável que meia dúzia de compradores unidos consigam dominar 19.000 produtores, que não se têm associado para a defesa dos seus próprios interesses. Confiamos em que algum dia se providenciaria, fazendo que os Grémios da Lavoura cumpram a missão que lhes está imposta na lei de 1937; mas, entretanto, melhor será que em qualquer dos concelhos os proprietários se decidam a organizar uma Cooperativa de produtores de frutos, ou mais simplesmente, um C.E.T.A. (Centro de Estudos Técnico Agrícola).

A industrialização e o consumo nacional da amêndoa não pode deixar de se procurar alargar ao máximo, até ao ponto de nos emanciparmos das consequências das flutuações do mercado estrangeiro, ou mesmo da perda desse mercado.

Esperava-se, há algum tempo, que, se chegassem a bom termo, experiências, então em curso, do aproveitamento de óleo de amêndoa como lubrificante dos aviões de jacto, muito se valorizaria este nosso fruto; pela demora estamos estamos a ver que falhou a ideia.

Parece que nos devíamos voltar para o seu emprego na indústria dos doces regionais, a qual deverá desenvolver-se a par da indústria do turismo, de que agora tanto se fala no Algarve.

Atente-se no que se passa em Espanha com o fabrico do torrão de alicante, onde já existem mais de 40 fábricas a produzirem anualmente cerca de 10.000 toneladas de torrão, consumindo 1.800 toneladas de amêndoa, 10% da nossa produção normal média. O nosso mercado interno deve consumir aproximadamente, 80 toneladas de amêndoa.

Estamos certos de que o nógado, cuidadosamente apresentado como o torrão de alicante, encontraria largo consumo na Metrópole e no Ultramar e facilmente se tornaria conhecido pelos estrangeiros como doce regional. Na nossa província temos a principal matéria prima para a indústria deste doce e com o seu desenvolvimento animar-se a produção do mel. Apresentamos duas apetitosas receitas de nógado, com que esperamos entusiasmar algum capitalista algarvio.

3 chávénas de miolo torrado,

um pouco esmagado ou picado; 2 chávénas de açúcar e 1 de mel; 1 pacotinho de canela. Junta-se tudo e vai ao lume até ficar escuro e fazer estrada. Deita-se sobre o mármore e estende-se com um limão até à grossura desejada; corta-se às talhadas, que se colocam sobre papel.

Ou esta outra: descascam-se, lavam-se e põem-se a escorrer em pano branco, 500 gramas de miolo de amêndoas doces: cortam-se os miolos ao alto em 4 pedaços; derretem-se em caramelo, numa vasilha de cobre não estanhado 375 grs. de açúcar; quando está bem derretido, retira-se do lume e e deitam-se rapidamente os miolos, misturando tudo bem. Antes de arrefecer deita-se a mistura numa forma oleosa ou numa travessa e com um limão estende-se o mais delgado possível.

Temos toda a matéria prima para esta goluseima; Tavira poderia produzir o nógado para todo o país e o fabrico deste doce regional constituiria mais um grande atractivo turístico para a linda cidade do Gilão.

J. C. G.

Propriedade - Vende-se

Junto a Faro, na confluência das estradas de Sagres, com a projectada avenida de cintura da cidade e futura estrada para o aeroporto, toda de regadio, laranjal e outras árvores de fruto, abundante água a motor, casa de habitação do caseiro e necessárias acomodações para lavoura.

Tratar directamente com Ascensão Lemos, Travessa Costa Cabral, 592 — Porto.

ARRENDAR-SE

Uma propriedade, no sítio do Belomonte, a qual consta de sequeiro e regadio, nora com motor e água com abundância, pomar e todas as qualidades de arvoredos, e moradia com todas as dependências.

Quem pretender dirija-se a Francisco Mendonça Pacheco, na mesma propriedade, aos sábados, das 10 às 16 horas.

Arrenda-se

Uma horta no sítio da Palmeira, freguesia da Luz.

Quem pretender dirija-se a José Marcelino Pereira Lopes, no mesmo sítio.

PRÉDIO

Aluga-se 1.º andar, na Rua Dr. Parreira, 36.

Quem pretender dirija-se por telefone ao n.º 151 — Tavira.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Alda de Jesus Martins Campos, D. Cesaltina Rosa Pinto e os srs. Joaquim Ferreira Aboim e Avelino Augusto de Oliveira.

Em 21 — D. Maria Gabriela Lopes da Cruz, menina Maria da Estrela Pires Brás e os srs. João de Sousa Monchique, José Anastácio Brás e Vitalino Joaquim de Jesus

Em 22 — D. Maria Carolina de Sousa Rico, D. Gabriela Peres Figueiredo Santos, menina Maria Cândida Freitas Soares, menino Gilberto Gonçalves Ferro e os srs. Eng.º Joaquim José Mendes Cipriano, Vitor Manuel Castela e António José Ramos.

Em 23 — Mlle Maria Lionilde Ilário Vicente, D. Maria Cândida Pires, D. Cremilde do Rosário Pinto de Oliveira e o sr. António José.

Em 24 — D. Maria do Carmo Ribeiro Vitor, Mlle Maria da Conceição Azevedo Pereira, menino José Eduardo Reis Pereira e os srs. Sebastião do Livramento Páscoa e José da Cruz Bento.

Em 25 — D. Ana Maria Dias Ferreira, D. Maria Adelina Alexandre Lopes, Mlle Maria do Carmo Pires Revez, D. Isabel do Livramento Menau Marques e o sr. Dr. Vivaldo Eurico Modesto da Rosa.

Em 26 — D. Carlota Gonçalves Lopes, D. Maria Dulce da Silva Martins, menino António Maria Correia e os srs. Manuel Fernandes Paraiso e Manuel Vitor Viegas Matos.

Partidas e Chegadas

Por motivo de se ter aposentado, fixou a sua residência em Vila Nova de Cacela, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Augusto dos Reis, chefe de secretaria dos Tribunais Judiciais.

Com sua família, encontra-se nesta cidade, no gozo da sua habitual licença, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Francisco Figueira, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, residente em Lisboa.

De visita a sua família encontra-se nesta cidade a nossa conterrânea sr.ª D. Maria do Livramento Horta das Neves, proprietária residente em Mezagão.

Com sua esposa encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Duval Faria, agente técnico de Engenharia, residente em Lisboa.

Com sua esposa, esteve uns dias no Algarve o nosso velho amigo sr. Coronel Dr. Vasco Martins, residente em Lisboa.

Fazendo uma cura de repouso, encontra-se em Setúbal o nosso assinante sr. Manuel José Leiria, astrólogo, residente em Lisboa.

Com sua família, encontra-se na Praia de Quarteira o sr. José Albino, informador fiscal neste concelho e nosso prezado amigo e assinante.

No gozo de licença, encontra-se em Castro Marim o sr. António Eleutério Antunes Costa, chefe da Secção de Finanças de Tavira.

Com sua família, encontra-se nesta cidade, no gozo de férias, o nosso conterrâneo sr. Eng. Agrónomo Mariano Entrudo, ao serviço em Lisboa.

No gozo de férias encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Gilberto de Oliveira Gonçalves, funcionário dos C.T.T., residente em Silves.

Com sua esposa e sobrinha regressou de um passeio de automóvel ao Norte do País, o sr. José de Oliveira, conceituado comerciante da nossa praça.

Encontram-se a veranejar na Vivenda Arco Iris, no sítio de S. Marcos, os srs. Alfredo Vilela de Macedo Alves e Fernando Gonçalves, suas esposas respectivamente sr.ª D. Célia Baptista Alves e D. Jarmila Baptista Gonçalves e Mlle. Maria José da Costa Aleixo, aluna do Curso Superior das Belas Artes.

Com sua família encontra-se passando as férias na sua Quinta de Cacela, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Camilo Maria Trindade, funcionário da Capitania do Porto de Setúbal.

Nascimento

No Hospital da Misericórdia, onde foi submetida a uma intervenção cirúrgica no passado dia 5 do corrente, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Aliete Valongo do Nascimento Cavaco, esposa do sr. Virgílio Evaristo Crvaco, escriturário da Misericórdia.

Arrendam-se

Três courelas de sequeiro. Uma situada no Belmonte, com alfarrobeiras e amendoeiras, outra em Amaro Gonçalves, com amendoeiras, e a outra na Campina, constando de amendoeiras, figueiras e oliveiras.

Quem pretender dirija-se a Francisco Correia Pacheco Dourado — Luz de Tavira.

VISÃO

(A José João Santos Dorez, tavirense de alma e coração)

*Algas marinhas, brisa do levante,
Da serra vem um cheiro a rosmaninho,
Ouve-se a voz do mar no mesmo instante
Em que florescem rosas no caminho.*

*Nesse sonho de amor sempre constante,
A cidade desperta de mansinho,
Mostrando-nos o colo verdejante
Vestindo a sua túnica de arminho.*

*É Tavira, a princesa do Gilão,
Que por virtude ou mágico condão
Nos faz compartilhar do seu encanto,*

*Requintes de beleza e de paisagem,
Sonhadora visão, doce miragem,
Que me inspiram assim a ama-la tanto.*

Tavira, 20/7/961

Virgínia Pires

Grémio da Lavoura de Tavira

Trigo-Semente: Prevenimos os interessados na compra de trigos para semente de que está decorrendo, terminando em 30 deste mês, o prazo para a respectiva requisição.

Tavira, 14 Agosto 1961

A Direcção

Arrenda-se

Uma propriedade no sítio do Pinheiro, freguesia da Luz, com 2 noras, abundância de água e muita fruta, com casas de habitação e todas as dependências.

Quem pretender dirija-se a Ilídio Teixeira, Calçada D. Ana, 24 — Tavira.

VENDE-SE

Um barco acabado de construir, com 2,80 m. de comprimento.

Nesta Redacção se informa.

Vende-se

Uma casa situada na Rua do Rego, n.º 10, com cinco divisões, quintal e saída para a Rua da Silva.

Nesta Redacção se informa.

Arrenda-se

Uma horta com muita água tirada a motor, com pomar e outros frutos com sequeiro, tendo oliveiras, figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras, no sítio da Maragota.

Quem pretender dirija-se a José Patrício Horta Correia — Moncarapacho.

Casa - Vende-se

Devoluta em Faro, com duas frentes, na rua Aboim Ascensão, 56.

Tratar directamente com Ascensão Lemos, Travessa Costa Cabral, 592 — Porto.

VENDE-SE

Uma courela, com casas de habitação e amendoeiras no Sítio do Pinheiro, denominada «Barrancada».

Quem pretender dirija-se a Lúcio Mendonça no sítio de Amaro Gonçalves.

Horta, arrenda-se

No sítio da Palmeira, Luz de Tavira, com área de 50.000 metros quadrados, algum arvoredado, abundância de água tirada a motor, casas de habitação e ramadas.

Quem pretender dirija-se a José Martins Palmeira, Gião — Moncarapacho, ou pelo telefone n.º 19 de Moncarapacho.

Grandiosa Excursão ao Alentejo e Algarve

Durante 6 dias, de 6 a 11 de Setembro, percorrendo todo o Algarve e, se possível fôr, com passagem por Ayamonte, onde se assistirá às festas de Nossa Senhora das Angústias.

Preço de inscrição: 250\$00 cada pessoa.

Tratar na Rua Dr. Lacerda e Almeida, 15-A, ou pelo telefone 849098 — Lisboa.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de caldeiros

A C.P. admite operar os eventuais caldeiros com prática de reparações navais, por período limitado.

Para mais esclarecimentos dirigir-se aos Serviços Centrais da Divisão de Material e Tracção, em Santa Apolónia ou ao Engenheiro Chefe das Oficinas do 3.º Grupo Oficial, no Barreiro.

Os pedidos de admissão deverão ser entregues até 25 do corrente mês.

LARANJA

Vende-se na árvore, a produção da Quinta da Fonte Santa, na Luz de Tavira.

Abrem-se propostas no dia 10 de Setembro, às 10 horas, na referida propriedade.

Arrenda-se

Ou dá-se de meias, terreno de regadio e sequeiro, no sítio da Foz.

Tratar com D. Maria Adelina da Silva, Rua João Vaz Corte Real, n.º 62 — Tavira.

Propriedade, Vende-se

Sequeiro e regadio, no sítio da Gomeira.

Trata o Solicitador José António dos Santos — Tavira.

ARRENDAR-SE

Uma propriedade no sítio do Alvisquer, Conceição de Tavira, com amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e oliveiras. Tem casas e água.

Trata José Miguel, Rua Poço do Bispo, 3 — Tavira.

Trespasa-se

Um estabelecimento, no sítio de Amaro Gonçalves, que consta de casa de pasto com licença de porta aberta até à 1 hora, bem afreguesada, e mercearia com farinhas para todo o ramo de negócio.

Quem pretender dirija-se a Luís Eugénio Henrique Bento, no referido estabelecimento.

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

É preciso relembrar?

pois relembremos!

NOS primeiros tempos da guerra de Espanha, creio que no segundo mês, as autoridades nacionalistas decidiram promover uma subscrição, dentro do território que ocupavam, para manter a gerência da administração pública e os próprios encargos da guerra.

As forças nacionalistas, que tão heróicamente haviam declarado combate ao comunismo e se empenhavam em expulsá-lo da Península, não dispunham dos fundos do erário público.

A capital do país encontrava-se sob o domínio marxista e era ali, no Banco de Espanha, que estava depositado todo o ouro da nação — o ouro que mais tarde foi parar aos cofres de Moscovo.

Dominadas pelos marxistas também se encontravam as principais cidades e indústrias de Espanha: Barcelona, Valência, Bilbao, etc.

Havia, pois, necessidade de angariar fundos para manter guerra, exercer a administração pública, enfim, gerir os negócios do Estado. E fez-se a subscrição que foi uma coisa verdadeiramente assombrosa.

De todos os pontos do território nacionalista surgiram as mais comovedoras demonstrações de patriotismo. Ricos e pobres deram tudo quanto puderam. Subiu a toneladas o ouro de particulares entregue às autoridades nacionalistas; milhões e milhões as pesetas oferecidas ao governo nacional de Espanha.

Mas também houve manifestações de egoísmo, de sôvinice e de agiotagem — sem falar nos casos de especulação.

Por exemplo, em Salamanca, um opulento proprietário e comerciante, subscreveu-se com cem pesetas.

No departamento em que se fazia a recolha dos dotivos aquelas cem pesetas do milionário salmantino causaram escândalo. E não era caso para menos.

Sem demora, o director da aludida reparição puxou de uma folha do talonário onde se registavam as entregas de donativos e passou o recibo de mil pesetas. Chamou dois falangistas e disse-lhes: — Vão procurar este sr. e digam-lhe que a sua contribuição para a causa nacional é, pelo menos, de mil pesetas.

Os dois falangistas saíram a desempenhar-se da missão. Ao comunicar ao opulento capitalista a decisão do director da recolha de donativos, o homem protestou e barafustou, acabando por entregar as mil pesetas com o seguinte comentário: — Afinal, os nacionalistas são como os «vermelhos». Levam-nos o dinheiro pela violência.

De volta da sua missão, os falangistas contaram ao seu superior o que se havia passado. E entregando-lhe as mil pesetas com que fora obrigado a contribuir para a subscrição de salvação nacional, disse ao rico proprietário salantino:

— sr. vai agora preparar as malas e seguir para o campo dos «vermelhos». Aqui não está bem, aqui obrigam-no a pagar o que é razoável, o que as suas condições de vida permitem pagar.

Não acabou o discurso. O homem desculpou-se, declarou não desejar sair da zona nacionalista onde a vida decorria normal, onde havia mais paz e mais tranquilidade do que no tempo em que a Espanha não estava em guerra.

— E sabe porque acontece? — interrompen o director do departamento.

Resposta do milionário: — Porque aqui não governam os marxistas!

— Exactamente, por que aqui não governam os marxistas. Pois precisamente por isso o sr. e todos como o sr. devem auxiliar quem lhe defende a vida e a propriedade. O sr.

por Tomé Vieira



Pela Cidade

Misericórdia de Tavira — Doentes operados no mês de Julho: Célia Maria dos Mártires, Santa Luzia; Maria Teresa Gonçalves, Cachopo; Maria Júlia Encarnação Silvano, Santa Luzia; Maria Natália Santos Mauricio, Tavira; Maria do Carmo Gago, Tavira; Joaquim Carlos de Abreu Pimenta, Tavira; José António Martins, Tavira; Maria Vitorina da Costa, Luz; Maria Nionilde Avô, Luz; Celeste da Encarnação José, Tavira; Manuel Baltazar, S. Marcos; Arnaldo Francisco Pereira, Luz. Doente operado de urgência no dia 11 do corrente: José Patrocínio Gil, Cacela;

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

tem intacta a sua fortuna, tem a sua casa e está vivo — porque aqui não governam os marxistas. E é tão ingrato que pretende pagar tudo isso que a nós o deve — entregando cem pesetas.

O rico proprietário salantino reconheceu esta verdade. E em vez de mil pesetas que lhe haviam cobrado, entregou mais outras mil para a subscrição de salvação nacional.

* * *

Este episódio que eu aqui recorro da guerra de Espanha vem a propósito de certas especulações — e também de certas atitudes — que podem ser tomadas por alguns daqueles (e não precisam de ser milionários) que acham que é violência ou sobrecaída o que pagam ou devem pagar para a defesa nacional — que afinal é a sua defesa, a defesa dos seus bens e da sua própria vida.

Não se espécua só com o preço ou a falta de certos artigos. Também se especula com o dever que a cada qual pertence quando a vida da nação está em causa.

Esses são os mesmos que acham que é violência pagar para que a nação, ao fim de trinta anos de contas em dia, possa encerrar as despesas de uma guerra que lhe foi imposta, sem deixar de continuar a erguer obras por toda a parte; esses são os mesmos que se queixam de pagar muito para que o País viva o período de trabalho, de paz e tranquilidade que dura há trinta e tal anos, esquecendo-se de que antes da paz em que vivem e da tranquilidade que disfrutem tinham de colocar no estrangeiro uma parte das suas fortunas e fazer o seguro dos estabelecimentos e propriedades contra greves e tumultos — porque não tinham a certeza de que os seus bens estivessem garantidos, mercê da vida agitada e revolucionária em que o país se debatia.

É preciso relembrar? Pois relembremos!

Relembremos por agora o caso do tal salmantino.

— Sabe porque tem intacta a sua fortuna, porque tem a sua casa, porque está vivo?

— Porque aqui não gover-

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA



Pela Província

Luz de Tavira

Festas — Voltam este ano a realizar-se as tradicionais festas da Luz, em honra da Padroeira, pelo que a Comissão está já a trabalhar intensamente no sentido de que as mesmas sejam coroadas de êxito. Como nos anos anteriores, o arraial e recinto de diversões será no Largo da República.

Feira Anual — A Junta de Freguesia local, não se está poupando a esforços no sentido de tornar a nossa Feira Anual cada vez melhor e assim estão a ser convidadas todos os proprietários e negociantes de grão para visitarem e comparecerem na Luz nos dias 4 e 5 de Setembro, dias em que se realiza a Feira Franca.

Também os proprietários de baracas e quinquilharias vão ser convidados, assim como o comércio local para num recinto próprio fizerem os seus stands do material que vendem.

Partidas e chegadas — Acompanhada de sua esposa, filha e genro, foi a Lisboa o sr. Joaquim Patarata, comerciante e proprietário nesta aldeia.

Desaparecido — No passado dia 3 do corrente desapareceu José Sérgio Gonçalves Leonardo, de 23 anos de idade, casado, trabalhador, residente no sítio do Pinheiro, desta freguesia.

É baixo, usa chapéu e é um pouco gago.

Doente — Por motivo de doença encontra-se internado no Hospital de Tavira, o sr. António Ramos Pácoa, sapateiro, residente nesta localidade. — C.

Mobilização de Médicos das Corporações de Bombeiros

Continuação da 1.ª Página

gido pelo art.º 33.º da lei de 1961 que regula o recrutamento e serviço militar e que estabelece:

«Em caso de mobilização ninguém pode valer-se do cargo que ocupa para se eximir às obrigações da sua classe. Os militares pertencentes às tropas Territoriais podem ser mantidos em lugares de Administração do Estado e dos Corpos Administrativos ou empresas privadas, sempre que o interesse público o exija. O mesmo princípio pode ser aplicado aos militares licenciados, por necessidade do Governo e da Defesa Nacional. Os indivíduos referidos no presente artigo ficam, porém, sujeitos às leis militares enquanto não for desmobilizada a sua classe. (Como Presidente da Câmara o sr. Dr. Jorge Augusto Correia, faz parte de um corpo administrativo — a Câmara Municipal).

Acresce que da interpretação da legislação em vigor esclarecida pelas normas de mobilização de 7/6/1961 se conclui o seguinte:

a) — Que as nomeações devem recair sobre os oficiais milicianos mais modernos; (O sr. Presidente da Câmara de Tavira é 14 anos mais antigo, que os oficiais que estão sendo nomeados).

b) — São excluídos de nomeação para o Ultramar:

1.º — Os que já tenham estado por imposição de serviço (caso do Dr. Jorge Augusto Correia).

2.º — Os julgados fisicamente incapazes pela J. H. I.

Nestas condições como anteriormente se faz referência, o Ex.º sr. Dr. Jorge Augusto Correia está excluído de nomeação para o Ultramar por já lá ter estado por imposição de serviço.

Tavira, 18 de Agosto de 1961.

O Presidente da Câmara Municipal,

Jorge Augusto Correia

nam os marxistas.

Tal qual! Porque aqui não governam os marxistas, nós disfrutamos de paz, de tranquilidade — e erguemos obras e fazemos barragens e construímos pontes e instalamos fábricas e abrimos mais escolas.

Porque aqui não governam os marxistas.

Não governam — nem governam — nem governarão, se Deus quiser, se todos os verdadeiros portugueses assim quiserem.

Electrificação do Concelho

ESCLARECIMENTO

TEMOS informado regularmente o concelho de tudo aquilo que de interesse diz respeito ao seu desenvolvimento e progresso, já o dissemos, não só com a intenção noticiadora mas em especial com o deliberado propósito de esclarecer com verdade o que por vezes se apresenta, aos olhos das massas populacionais, desconhecedoras dos assuntos, de forma pouco clara ou mesmo contraditória.

Nesta matéria avulta o problema da electrificação do concelho e suas relações com a actual concessionária, a Aliança Eléctrica do Sul.

Como sabem a Câmara está ligada por um contrato de oito anos com a Aliança Eléctrica do Sul que a não ser prorrogado terminará no dia 31 de Dezembro de 1964.

Neste momento a Câmara não deve absolutamente nada a esta Empresa concessionária de distribuição de energia em alta tensão, encontrando-se consequentemente na melhor posição para negociar.

Feitas estas declarações que traduzem factos positivos, é a partir delas que terão de apreciar-se as atitudes a tomar e as suas consequências.

Quando em 17 de Agosto de 1959 solicitamos o empréstimo de 6.500 contos dos quais 2.500 se destinariam à electrificação do concelho, não se previu — a fim de ser incluído também no empréstimo — o custo dos ramais que haviam de ligar as várias freguesias à empresa concessionária isto certamente por legalmente a execução destes ramais competir às concessionárias embora as câmaras os tenham de pagar.

Consequentemente veio a acontecer esta situação embaraçosa, a qual é a de termos as freguesias electrificadas e não lhes podermos dar energia por não termos dinheiro para pagar os ramais que as ligam à concessionária.

Depois de um estudo cauteloso sobre o assunto e ponderados os interesses futuros dos Serviços Municipalizados desta Câmara, mormente no que diz respeito à electrificação pormenorizada do concelho bem como da necessidade de termos apenas uma «ponta» propõe-se a Aliança Eléctrica do Sul (empresa à qual estamos ligados por um contrato ainda por 4 anos) fazer os ramais em cerca de 22 quilómetros pela importância aproximada de 800.000\$00, e ainda vender o ramal Livramento-Tavira numa distância de 10 quilómetros pela importância de 250.000\$ (por se tratar dum ramal com cerca de 15 anos de existência), a fim de fazermos a contagem de todo o concelho no posto de transformação do Livramento, e consequentemente termos só uma «ponta» o que virá baratear a energia adquirida.

Necessitamos portanto de 1.050.000\$ Para solucionar este caso de cuja resolução depende afinal o êxito da electrificação das freguesias rurais, cujos trabalhos foram adjudicados a empresas particulares em algumas das freguesias, poderemos encetar 3 soluções:

1.ª — Concessão de mais um empréstimo de 1.050.000\$ pura e simplesmente;

2.ª — Desvio da verba de 400.000\$ referente à rubrica «Bairro Económico» do empréstimo de 6.500 contos e pagamento à actual empresa concessionária Aliança Eléctrica do Sul desses 400 contos imediatamente e nos dez ou onze anos seguintes até 60 contos por ano, sem juros

3.ª — Desvio da verba de 400 contos e empréstimo de 650 contos.

A segunda hipótese é para os Serviços Municipalizados a que

mais favorável se apresenta, esclarecendo-se que o Bairro Económico não deixa de ser considerado, pois a Federação das Caixas de Previdência e Habitações Económicas está em negociações para o seu estabelecimento.

A Câmara dado que o problema é iminente tem necessariamente de o procurar resolver o mais rapidamente possível. Tem até mesmo de dar uma resposta à concessionária no mais curto espaço de tempo, a fim de a habilitar a iniciar os ramais, senão corre-se o risco de ter tudo electrificado e sem possibilidade de dar luz que é em conclusão o que se pretende.

Isto levou-nos a pedir o obsequio da esclarecida e inteligente atenção de Sua Excelência o Ministro das Finanças.

O assunto está a ser estudado e tudo o que a Câmara vier a fazer neste capítulo será de harmonia com a resolução que o problema tiver superiormente.

Devemos porém informar que ouvimos vários técnicos até de serviços do Estado todos foram unânimes em afirmar que deveríamos procurar ter uma ponta única para todo o Concelho fulcro duma mais económica aquisição de energia eléctrica.

Na rede de alta tensão a estabelecer para ligar a concessionária aos diferentes Postos de Transformação está previsto um ramal aéreo que permita manter o fluxo de energia no caso de avaria dos cabos subterrâneos sempre sujeitos a corrosões e em especial os nossos que em parte atravessam zonas onde há mesmo água.

Devemos ter presente que a empresa J. A. Pacheco nunca teve falta de energia precisamente porque é abastecida por um cabo aéreo propriedade da Aliança Eléctrica do Sul.

De resto substituído o cabo subterrâneo que liga a torre de alta tensão da Aliança Eléctrica do Sul ao nosso Posto de Transformação n.º 1, cremos que não há desvantagens, assim no-lo afirmam os técnicos, em continuarmos a receber energia da actual concessionária, uma vez que em preços nos fará sempre os da concorrência.

Cremos que todos se aperceberam das razões por que poderemos vir a ter de tratar o caso com a Aliança Eléctrica do Sul posto que temos em contrato que só terminará em 31 de Dezembro de 1964, a não ser que só depois dessa data electrificássemos o Concelho. Mas já não vamos cedo neste momento quanto mais esperar ainda uns anos!...

Quanto aos contratos que venham a estabelecer-se entre a nossa actual concessionária e outra não nos afectam pois esta terá de cumprir as obrigações daquela, ficando os nossos interesses sempre acutelados.

NOTA: — Depois de já estar composto este esclarecimento tivemos conhecimento que o assunto está em vias de solução.

Tavira, 18 de Agosto de 1961

O Presidente da Câmara Municipal

Jorge Augusto Correia

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Monte dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

A Feira Franca na Luz de Tavira

realiza-se nos próximos dias 4 e 5 de Setembro

A Junta de Freguesia não se poupando a esforços para o bom êxito da mesma, vem, por este meio, convidar todos os proprietários a trazerem os seus gados e bem assim todos os comerciantes a visitarem a Luz de Tavira naqueles dias.

A presença de todos proporcionará a realização de transacções úteis ao engrandecimento da Feira.

Colaborar com a Junta de Freguesia é o mesmo que engrandecer a nossa Feira e contribuir para o progresso da Luz de Tavira.

Dão-se todos os esclarecimentos verbais ou por escrito na sede da Junta de Freguesia.